

LIVRO

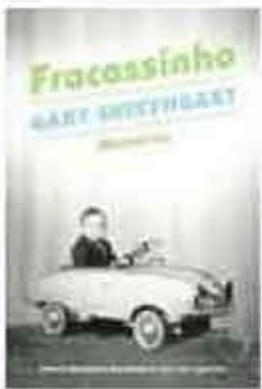
Um "Fracassinho" bem-sucedido

Gary Shteyngart prova que a combinação de literatura, judaísmo e EUA é infinita. Por **Noemi Jaffe**, para o Valor

"Fracassinho"

Gary Shteyngart

Trad.: Antônio E. de Moura Filho

Rocco, 448 págs., R\$ 44,50 **AAA**

"Fracassinho" é mais uma prova de que a combinação de literatura, judaísmo e Estados Unidos é uma possibilidade aparentemente

infinita e, sem dúvida, sempre explosiva. Quando o leitor tem a impressão de que não há mais nada a ser explorado nesse território, além do que já foi feito por Philip Roth, Saul Bellow, Isaac Bashevis Singer e, mais recentemente, Jonathan Safran Foer e Nathan Englander, só para citar alguns, aparece o fenômeno dos imigrantes russos pré-"perestroika", agora abordado neste "Fracassinho" tão bem-sucedido.

Acredite o leitor ou não, "Fracassinho" era o apelido que a mãe do autor — pois se trata de uma autobiografia — usava para chamá-lo. Asmático e desajeitado, o garoto recebeu bem cedo essa profecia, maldição ou destino já entranhado na própria alcunha.

Os primeiros capítulos contam a jornada da família de Gary, beneficiada por uma política de troca de judeus russos por grãos americanos no fim da década de 1970, desde Petersburgo até Nova York, passando por Viena e por Roma, numa mistura de humor, fascínio e melancolia. Mistura, aliás, que é a marca da literatura judaica americana e, quem sabe, do próprio judaísmo e sua conhecida capacidade de rir de si mesmo.

O romance começa com um ataque de pânico sofrido pelo autor numa



ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

Shteyngart: narrativa com humor melancólico que, se não cura doenças, expande a alma

livraria de Nova York, o que o faz parar e tentar entender a origem dos sintomas. Como num filme, a cena congela e o autor leva o leitor para um retrocesso no tempo, fazendo-o acompanhar a saga da família fugitiva, numa linguagem que, ao mesmo tempo em que desenha um aspecto da cultura americana, vai revelando personagens bem individualizados.

O pai, loucamente carinhoso, brincalhão e sonhador, e a mãe, mais realista, mas igualmente protetora,

desde logo impõem ao menino uma espécie de beco amoroso sem saída: "A quem você ama mais, sua mãe ou seu pai? Esta era a pergunta injusta que meus pais me impingiam em Leningrado. Injusta, porque eu precisava da minha mãe (...), mas eu sentia a natureza explosiva do amor que meu pai tinha por mim, o papel central que deveria desempenhar em sua dura vida. É o tipo do amor que nos dá apenas duas opções: ou o aceitamos ou fugimos dele".

Na antiga União Soviética, era comum passar três horas numa fila para conseguir uma berinjela, enquanto no bairro de Queens, para onde a família se muda — evitando ao máximo o contato com "negros perigosos" —, a abundância parece acessível, mesmo que a duras penas.

Mas, como diz e mostra muito bem a narrativa, "nada é livre". Nem a suposta prisão russa é tão desprezível quanto se pode concluir apressadamente nem é tão tranquila a oferta de plenitude americana.

O romance, como um "bildungsroman", acompanha o crescimento de Gary, que, logo no início da adolescência, se alinha à direita americana, apoiando Ronald Reagan, já que o inimigo, como ele logo vem a descobrir, são os soviéticos, ou seja, ele mesmo. Como o segundo aluno mais discriminado da escola judaica de Queens, o autor toma conhecimento da "nova palavra idiota norte-americana: privacidade", algo que ele não conheceu no extinto comunismo soviético.

E vão passando os amigos, as namoradas, a entrada na universidade, os videogames, os primeiros livros e a inevitável passagem pelas drogas, pela bebida, pela psicanálise e o trânsito para a esquerda.

Enquanto isso, o ataque de pânico na livraria permanece ali, estático, como se nós tivéssemos feito uma viagem no tempo e no espaço para, junto com o autor-personagem, descobrir suas razões.

Não há garantia, nem para o autor nem para nós, de que o pânico — essa doença do tempo — se explique. Mas o livro é uma proposta de conhecimento de si, da política e da cultura, narrados com esse humor melancólico que, se não cura doenças, certamente expande a alma.